

Escritores falam das suas obras

T. 301

16/2/86

Texto de Paulo Sérgio • Fotos de Jaime Macamo

A Associação dos Escritores Moçambicanos lançou há dias quatro livros de autores nacionais: «N'lhomulo», de Filipe Mata e «Musongi», de Bento Siteo, integrados na Colecção «Início» dedicada a os jovens escritores; «A inadiável viagem», de Luís Carlos Patraquim, e «As faces visitadas», de Orlando Mendes, ambas obras da Colecção «Timbila». Nas páginas que se seguem os referidos autores abordam a natureza temática dos seus livros e fazem uma resenha sobre a actual produção literária.

FILIPE MATA:

«ESCREVI O N'LHOMULO DE ONTEM»

«N'lhomulo» — nome da personagem principal da obra mas também designação de «miséria», «sofrimento», na língua xangana, segundo o autor «é um contributo mínimo no contexto literário deste país, porque é uma gota de água num leito seco. Quer dizer que ainda não é algo representativo. Sê-lo-ia se houvesse um movimento editorial mais constante. «N'lhomulo» apareceu como apareceram algumas outras obras de jovens autores, e, talvez fique esquecida».

Filipe Mata sublinhou que com «N'lhomulo» retrata uma determinada realidade antes sentida e vivida. Uma realidade social que se testemunhou.

A referir-se às razões morais e psicológicas que orientaram a criação da sua novela, aquele jovem reconheceu existir nessas razões uma ligação do passado com o presente sob uma miragem histórica e social. «Estou marcado pelo passado recente pois vejo que grande parte dos males de hoje são consequência dos males de ontem, particularmente no domínio cultural». Adiantou depois que «escrevi o «N'lhomulo» de ontem e talvez uma carga de ins-

piração me leve a escrever sobre o «N'lhomulo» de hoje».

A apoiar-se na base do Passado e do Presente e flectindo sobre a simbiose da velha e da jovem literaturas que ora se pretende, Filipe Mata julgou que «no seio dos (nossos) actuais críticos ainda



Filipe Mata: «...não sei se fiz bem em ter começado a escrever com «N'lhomulo»

não foi possível situar a fronteira entre o jovem e o velho escritor. E eu não acredito na concepção de velha e de jovem literatura pois o que escrevi pode ser considerado velho. Nisto, na Literatura não nos devemos medir por factores etários porque o que se publica fica para a história da nossa terra, da nossa Literatura», disse.

«N'lhomulo» como livro foi um desafio porque segundo o seu autor «sempre que alguém consegue publicar-se em livro é para «arder ou ser queimado» sob o fogo da crítica e da opinião pública que acaba por cifrar o autor de escritor ou não. No meu caso, eu não sei se fiz bem em ter começado a escrever com «N'lhomulo».

Aos jovens amantes da Literatura, Filipe Mata sugeriu que «mesmo que se escreva para guardar na gaveta, deve-se escrever, pois uma constante editorial há-de surgir. Não devemos é apenas tomar parte em recitais de poesia ignorando o incentivo literário que nos dão», disse a concluir.

BENTO SITOÉ:

**«EXPLORO ASPECTOS
CULTURAIS E SOCIAIS»**

Bento Siteo disse sobre o seu livro «Musongi», editado em xangana que «o original foi produzido em 1972, engavetado durante algum tempo e depois cedido, emprestado a parentes e amigos para



Bento Siteo: «...jovens existem que têm a veia de fazer literatura nas suas línguas maternas»

recolha de opiniões. Assim a versão final apareceu em 1983 e veio a ser publicada em 1986 pela Associação dos Escritores Moçambicanos».

Segundo o autor «a obra explora situações problemáticas e conflituosas dos aspectos culturais e sociais, pelo que as personagens passam por situações que retratam choques entre gerações, choques impostos por circunstâncias históricas que se vão deslocando e criam outros choques de natureza social e cultural».

«Como autor intervi na maneira como as personagens se comportam e se exprimem — disse Bento Siteo. «Através deles exponho o humor e o ridículo sob um sentimento crítico, social e cultural

que leve os leitores a aperceberem-se de que o enredo é muito próximo da realidade». Acrescentou que a referida realidade «pode situar-se na Musongi, a personagem principal, que sendo noiva é vítima de divergências entre a sua família e a do seu noivo».

A respeito do xangana, língua que usou para escrever «Musongi», Bento Siteo acentuou que «permite-me fazer uso de expressões que são próprias ao nosso meio social e cultural». Bento Siteo realçou que «é importante que se escreva em línguas nacionais, e as pessoas que se sintam encorajadas a fazê-lo, pois como o velho Macavi jovens existem que têm a veia de fazer literatura nas suas línguas maternas».

LUÍS CARLOS PATRAQUIM:

«UMA POESIA QUE PÕE QUESTÕES»

O autor de «A inadiável viagem», ao apresentar a sua obra anunciou que ela «toma o título de um dos poemas, e é em termos simbólicos a viagem a um interior possível de uma vivência minha e de uma colectiva, portanto uma vivência moçambicana».

Este poeta disse ainda que «o livro é uma proposta poética daquilo que em mim foram desafios, e são e foram interrogações e quase nenhuma certeza. Não é um livro umbilicalista, como já é tradição dizer-se em quem não alinha nas formas umbilicalistas de um sentir colectivo, porque uma poesia que se interroga, que põe questões — e não é ela que as tem que resolver —, e que não utiliza as formas de um discurso de propaganda é sempre vista como demasiado pessoal, demasiado subjectiva», enfatizou.



Luís Carlos Patraquim: «...uma proposta poética daquilo que em mim foram desafios...»

Luís Carlos Patraquim referiu ainda que no seu livro «há o aflorar de uma utopia, o erer de uma unidade possível entre o individual e colectivo. Nessa utopia o poema funcionará como «posto-de-chegada» e de «partida» também.

ORLANDO MENDES:

«PRETENDI CANTAR O AMOR
EM TEMPO DE LUTA»

Ligado às lides literárias desde há muitos anos, publicando obras de variadas temáticas e géneros literários (poesia, romance, teatro e contos infantis), Orlando Mendes aparece-nos agora com «As faces visitadas», uma colectânea de poemas que, como esclareceu, são um livro com que «pretendi cantar, inequivocamente, o amor mesmo em tempo de luta, e principalmente em tempo de luta! Amor entre homem e mulher, amor pátrio, amor da natureza, amor de valores, amor de pessoas».

Como clarificou a seguir «o amor não é um



Orlando Mendes (à direita), ladeado por José Craveirinha:
«Há pujança criativa»

sentimento isolado, acompanha-se com a contenda, com outros sentimentos ou símbolos sentimentais, como a amizade, fraternidade, solidariedade, paz, justiça, contradição, antagonismo, ódio ou inimigo que nos agride e tenta destruir-nos, porque o Homem insere-se numa sociedade por maior neutralista que queira ser. Quer dizer, é um indivíduo e ente social, e o poeta como tal, naturalmente também».

Orlando Mendes diria depois que «ora com «As faces visitadas» o poeta esteticamente experimentaliza e tematicamente sintetiza».

Questionado sobre o vínculo literário — de que de algum modo o lançamento conjunto das obras, em questão, deu mostras — entre os velhos e jovens escritores no actual panorama da nossa criação literária, Orlando Mendes, que além de escritor é membro da Direcção da Associação dos Escritores Moçambicanos, ripostou que «não me senti diferente pelo facto de este livro ter sido lançado juntamente com livros de escritores mais jovens. Sinto

até, talvez, orgulho por este facto porque, sinto, melhor diria, sei que a literatura moçambicana está a florir livremente, em virtude das condições sociais que uma transformação é capaz de criar. Temos exemplos muito elucidativos desta pujança criativa nos últimos anos, quando lançámos um olhar atento sobre o movimento que se está verificando no panorama das nossas Letras».

Se bem que haja «pujança criativa» nos velhos e jovens literatos moçambicanos, tal facto não é correspondido com uma actividade editorial regular. Em relação a isto, Orlando Mendes advoga que «há uma vivacidade muito grande na produção literária, mas acontece que a produção literária é essencialmente um acto de comunicação. Então é muito legítimo que aqueles que começam a escrever tenham progressivamente a ambição de se verem publicados em livros».

A clarear tal situação, como disse, depois do juízo crítico feito completamente sobre a qualidade do texto produzido, «há o encaminamento da obra produzida para a indústria gráfica, que não dispõe de meios capazes de lhe dar rápido andamento. E assim tornou-se normalidade que um original produzido há anos, espere ingloriamente a altura propícia para ser composto e, se for composto, aguarda a vez de ser impresso porque falta um ou outro componente que dê acabamento ao livro — entre estes componentes podemos salientar a falta de papel».

Contudo, «não deixa de ser doloroso que o tempo vá passando e os escritores, com a dominância dos mais novos, se sintam frustrados com o risco de muitos deles virem a deixar de se interessarem pela produção literária e preferirem outro tipo de recriação que, possivelmente, acham mais compensador», observou Orlando Mendes.

Indagado a falar sobre a continuidade da projecção da literatura moçambicana, quer no país, quer no estrangeiro, o escritor Orlando Mendes redarguiu que «estamos a perder cada vez mais a projecção universalista que a nossa Literatura já deveria ter por si só, e em comparação com as que já obtiveram outros países africanos. Numa palavra, temos a matéria-prima, temos os seus produtores mas talvez por inércia, não somos capazes de encontrar um modo correcto de transformar essa matéria-prima em livro acabado, que é afinal, o que interessa ao leitor nacional e poderá interessar a outros países, que se exprimem oficialmente na mesma língua oficial».

Para colmatar a moleza na publicação de livros, desenham-se, na AEMO, algumas alternativas; pois como revelou o entrevistado «decerto que existem possibilidades de acordos com outros países, para que as dificuldades sejam minimizadas».

Assim, e a terminar, Orlando Mendes, frisou que para se manter a projecção da Literatura moçambicana «pondera-se uma solução que permita simultaneamente satisfazer as ansiedades dos escritores que nascem e crescem no país, e a fome de leitura literária que também existe e vai crescendo. Felizmente», atalhou. □